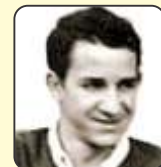




GEOGRAFIA DO NATAL



Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre*

Caros ibateanos,

O amigo Correia convidou-me para escrever algo sobre o Natal. Pensei comigo, o que eu, neste sertão esquecido do Mato Grosso, poderei escrever sobre a encarnação e nascimento do Senhor da Vida? O quê, às margens do Araguaia violentado e poluído pelos agrotóxicos, que envenenam até o leite com o qual as mães amamentam seus filhinhos, eu poderia falar da alegria da Menina de Nazaré, ao oferecer ao mundo o



Salvador? Como falar sobre as cores e flores quando estamos em tempos de queimadas? Em tempos em que boa parte dos cristãos aplaudem os que fazem apologia aos torturadores, à violência e que ameaçam os pobres e marginalizados, cristãos esses que agem ao contrário do que nos ensinou e nos revelou Jesus pela Boa Nova do Evangelho? Em tempos em que alguns sucessores dos apóstolos acobertam aqueles que escandalizam os pequenos, trocam o seguimento de Jesus, o Senhor da Vida, pela religião da morte da teologia da prosperidade e ainda afrontam o Papa, o qual busca unicamente seguir Jesus? Em tempos em que a geopolítica da Besta do Apocalipse destrói povos e culturas, assassina indefesos e leva milhões de pessoas ao exílio?

Em tempos de queimadas, tudo parece destruído; carvão e cinzas, somente, cobrem a Terra. Mas no silêncio do seio da Mãe Terra uma nova vida está em gestação. O silêncio e a brisa suave que envolvem o profeta Elias envolvem também as famílias, as comunidades cristãs, os grupos que defendem os pobres e marginalizados, os que choram de fome e sede por justiça, os que se angustiam por causa das perseguições, os que lutam pela paz. Então Deus se manifesta, a Menina de Nazaré sorri, a natureza generosa se renova, Jesus está presente. O tempo e o espaço são limitações da matéria. Mas na vida do Espírito, o passado e o futuro não existem, msa apenas o ser, o Ser em plenitude, o Senhor Jesus, Deus encarnado, o Alfa e o Ômega que resgata a Esperança, resgata a Vida. As flores e as cores cobrem a Terra, é tempo de Esperança, Jesus está no meio de nós!

Santa Terezinha (MT), 16.11.2018

(*)Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre, "Trovão", 68, 1963/1969 - professor de História aposentado, exerce atividades junto a comunidades de lavradores e indígenas na região do Alto Araguaia, vinculado à Prelazia de São Félix do Araguaia (D.Pedro Casaldáliga). Mora em Santa Terezinha-MT, divisa com os estados do Pará e Tocantins - aguirredirceu@gmail.com

JUBILEMOS JUNTOS EM 2018

“Se não quer que noticie, não deixe acontecer”, slogan de um noticiário radiofônico da década de 1950, na chamada “Era do Rádio”. Então, se aconteceu, tem que ser notícia, será noticiado!

O *Echus do Ibaté*, sempre atento aos acontecimentos - tristes ou alegres - que envolvem os ibateanos, publica neste nº 158, a exemplo do nº 152 - novembro/dezembro 2017, o nome dos colegas que estão comemorando uma data significativa: aquele dia em que o bispo, pela imposição das mãos, conferiu-lhes a almejada ordenação presbiteral. Mesmo que o ocorrido tenha sido em anos e locais diferentes, todos fazem por merecer as nossas homenagens. São eles: Durval de Almeida e Getúlio Vieira, **Jubileu de Ouro**; Osvaldo Giuntini, Edmundo da Matta e Achiles Paceli de Oliveira Pinheiro, 55 anos de ordenação; Sidney José Barone, 40 anos de ordenação; Luiz Virtuoso, 30 anos de ordenação.



Pe. Durval de Almeida

Mons. Durval de Almeida estudou no Seminário do Ibaté entre 1949 e 1957. Data de sua ordenação presbiteral: 30 de junho de 1968. Durante vinte anos, exerceu o ministério em Guarulhos, na igreja Nossa Senhora de Fátima. Foi morar em Itu, sua terra natal, e lá trabalhou onze anos na paróquia São Camilo. Em 2003 foi nomeado reitor do Santuário Nacional do Sagrado Coração de Jesus (igreja do Bom Jesus). Pároco na matriz de Itu, Nossa Senhora da Candelária, Mons. Durval permaneceu por doze anos. Hoje, continua na paróquia da Candelária como pároco emérito.

Mons. Getúlio Vieira passou pelo Seminário de São Roque no período de 1958 a 1961, onde também lecionou após sua ordenação presbiteral ocorrida no dia 15 de dezembro de 1968.



D. Osvaldo Giuntini

Exerceu o ministério como pároco na paróquia Santa Gertrudes, do Jardim Sabará (Santo Amaro) e na igreja catedral da então recém-criada Diocese de Santo Amaro. Atualmente, Mons. Getúlio conduz a comunidade Nossa Senhora das Graças da paróquia São José, no bairro Jardim das Oliveiras, também em Santo Amaro.



Mons. Getúlio Vieira

Dom Osvaldo Giuntini foi aluno do nosso Seminário Menor entre 1949 e 1955. Sua ordenação foi no dia 12 de dezembro de 1963. Exerceu o ministério primeiramente em São Paulo, depois, pároco nas cidades de Salto e de Itu. Em seguida, pároco na catedral de Jundiá, chanceler do bispado e vigário geral. No ano de 1982 foi eleito bispo e nomeado bispo auxiliar da Diocese de Marília, com direito à sucessão.

Nessa mesma diocese, bispo coadjutor em 1987, bispo diocesano no ano de 1992 e, por último, bispo emérito em 2013. Seu lema do episcopado: Vitam meam do vobis.

Pe. Edmundo da Matta começou seus estudos no Seminário de Pirapora em 1948. Passou por São Roque entre os anos de 1949 e 1956. Ordenou-se padre no dia 8 de dezembro de 1963 e foi exercer o ministério na Freguesia do Ó, igreja Nossa Senhora da Expectação. Em seguida, no ano de 1965, foi transferido para a paróquia de São Luiz de Gonzaga, no Jardim São Luiz - bairro periférico da região sul da capital - onde permanece há mais de meio século.



Mons. Achiles Paceli

Ao lado de suas funções religiosas, desenvolve intensa atividade de promoção humana. No ano de 2004 recebeu o título de Cidadão Paulistano (Pe. Edmundo nasceu em Funchal, ilha da Madeira), outorgado pela Câmara Municipal de São Paulo. Em 2011 foi honrado por essa mesma Câmara de Vereadores com a “Salva de Prata”. (Por oportuno: os títulos de monsenhor ou dom não lhe são compatíveis...).



Pe. Edmundo da Matta

Mons. Achiles Paceli Pinheiro estudou no Seminário do Ibaté em 1956, apenas um ano, o suficiente para caracterizá-lo como um “dos nossos”. Ordenou-se padre em Marília no dia 21 de dezembro de 1963. No ano de 1964 foi nomeado reitor do Seminário Diocesano. No final dos anos de 1970, exerceu o ministério na paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade de

Dracena. Em 2013, atuou em Marília, na igreja Sagrada família. Nesse mesmo ano recebeu o título do Cidadão Mariliense. A partir de 2014, exerceu seu ministério na paróquia São Pedro Apóstolo, da cidade de Garça. Atualmente mora em Campos do Jordão, atuando na Comunidade N.Sra.Aparecida, Bairro Brancas Neves.



Pe. Sidney Barone

Pe. Sidney José Barone, também é um “dos nossos”; a exemplo de Mons. Aquiles, estudou apenas um ano no Seminário de São Roque, em 1959. Ordenou-se presbítero no dia 17 de dezembro de 1978 em Ribeirão Pires, Diocese de Santo André. No ano de 1979, foi reitor do curso de Teologia no Teologado Dom José Gaspar, da Região Episcopal de Santo Amaro. Em 1980 foi estudar Sagradas Escrituras em Jerusalém e em Roma, no Pontifício Instituto Bíblico. De volta à Arquidiocese de São Paulo em 1983, foi nomeado pároco na paróquia Divino Salvador, no bairro da Vila Olímpia, onde está até hoje. Pe. Barone também se dedicou ao magistério na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e na Faculdade de Teologia de Moema.

Pe. Luiz Virtuoso passou pelo Seminário do Ibaté nos anos de 1962 e 1963. Ordenou-se presbítero no dia 19 de março de 1988. Veio da Diocese de Anápolis, Goiás, para onde voltou a exercer o seu múnus sacerdotal. Desenvolveu significativas atividades pastorais em diferentes paróquias. Além disso, cumpriu a função de diretor espiritual no Seminário Maior da sua diocese. É o pároco da paróquia Santo Antonio, da cidade de Olhos D’Água, Diocese de Anápolis.



Pe. Luiz Virtuoso



D. Antônio Gaspar

Por último, não, porém, menos importante, as homenagens ao ibateano Dom Antonio Gaspar, bispo emérito da Diocese de Barretos, pelos 35 anos de sagração episcopal, e ao amigo Dom Ercílio Turco, bispo emérito da Diocese de Osasco, pelos 55 anos de ordenação presbiteral ocorrida no dia 1º de dezembro de 1963.

Jubilate Deo nobiscum omnes Ibateani. i Sursum corda!



D. Ercílio Turco

PHOTHODIERNA

FLAGRANTE DO CORAL DO IBATÉ



Wilson Cândido Cruz (59-64) - Rovirso Aparecido Boldo (64-69) - Isidoro da Silva Leite (63-64) - Alfredo Barbieri (49-53) - José Édson Pereira da Silva (1971) - Luiz Alberto Correa da Silva (51-57) - Antônio da Aparecida Simões Cúcio (67-68) - Clóvis Baroni (53-58) - Gilberto Cianflone Lucarts (57-60) - Miguel Csuzlinovics (63) - José Francimar Ramos (60-63).

JESUS E AS MULHERES



Otto Dana*

“Oh! Senhor, muito obrigado por eu não ter nascido mulher!”. Esta não é uma oração do Bolsonaro ao acordar. Ela seria mais completa: “Obrigado, Senhor, por não ter nascido mulher, nem gay, nem negro, nem quilombola”. Fica a sugestão. Esta oração bíblica faz parte do Sedur, livro de preces a que todo judeu se obrigava toda manhã. Incluiria ainda: “Oh! Senhor, muito obrigado por não ter nascido gentio, nem escravo e nem mulher!”

Será que Jesus também acordava fazendo esta oração das 3 bênçãos? Será que Ele incentivava seus seguidores a fazê-la? Pelo perfil de Jesus, não dá para deduzir tal despropósito.

Era complexa a relação de Jesus com as mulheres, levando-se em conta o contexto social em que vivia. Na época de Jesus, a mulher não era mais que uma propriedade de seu marido. Este possuía servos, propriedades, animais e “a sua mulher”. Com Jesus era diferente: sua doutrina e sua presença exerciam grande fascínio sobre elas. A saga de Jesus está cercada de mulheres. Conta o evangelista Lucas que, indo ele por várias cidades e aldeias, acompanhavam-no doze apóstolos e mulheres. E cita o nome de algumas delas: Maria Madalena, Joana, mulher de Cuzá, Suzana e várias outras que, inclusive proviam o seu sustento e o da pequena comunidade.

Muitos episódios da saga de Jesus envolviam mulheres a ponto de suscitar suspeitas quanto a certos comportamentos um tanto tendenciosos com algumas delas. Nos evangelhos, porém, não há traços de vida sexual de Jesus.

Segundo alguns, talvez mais atrevidos Jesus era muito namorador. Em vários episódios vamos surpreendê-lo fazendo uma coisa vaga que ocorre sempre entre homem e mulher (ou entre homem e homem e entre mulher e mulher) que se chama namoro.

Curioso, por exemplo, o encontro com a mulher Samaritana à beira do poço. Jesus vai chegando ao poço sob um sol tórrido da Ásia e quase desfalece de sede. A água está aí, mas como chegar a ela? De repente uma mulher samaritana se aproxima com um balde. E agora? Homem não podia estar a sós com uma mulher. Moisés proibia. Pior ainda, mulher samaritana e um judeu era proibido. Mesmo assim, Jesus passa por cima do preconceito, pede água e, apesar da resistência da samaritana, Ele consegue aliviar-se da sede.

Mas, a coisa não parou por aí. Sob a sombra e água fresca, o papo foi longe, entrando pela vida íntima e o passado da samaritana. Jesus ganhou água e ganhou a mulher. Claro! Nem todo papo à beira de um poço termina em namoro, mas, o cenário era perfeito.

Outro caso, é o relacionamento com as irmãs Marta e Maria, irmãs de Lázaro. Toda vez que Jesus chegava à aldeia, era na casa delas

que se hospedava. Das duas irmãs, Maria era a mais chegada. Enquanto Marta se afobava correndo atrás dos serviços da casa, Maria se acomodava aos pés de Jesus, atenta às suas palavras. Acomodar-se aos pés era uma cena de muita intimidade.

Uma 3ª mulher surpreende a todos durante um jantar oferecido a Jesus na casa de Lázaro. De repente, essa mulher de nome Maria toma uma libra de unguento de nardo legítimo, de altíssimo preço, e derrama nos pés de Jesus e os enxuga com seus cabelos. Esse derramar-se de Maria sobre Jesus, culminando com a fricção dos cabelos, é uma estranha metáfora de uma manifestação erótica, por mais pura fosse a intenção.

Em outro momento, uma mulher misteriosa e sem nome, passa pelos caminhos do profeta. Uma adúltera, surpreendida em pleno delito, era trazida pelos judeus a Jesus. Enquanto os homens pretendiam apedrejar a mulher, conforme estabelece a lei de Moisés, Jesus expressa uma profunda compaixão por ela. “Quem não tem pecado, atire a primeira pedra”. E perdoa a mulher.



Jesus, Marta e Maria

Temos também, entre outras, a famosa e, às vezes, mal falada, Maria Madalena. A afinidade de Jesus com Madalena se deu a partir do exorcismo de sete demônios. Maria Madalena passou a seguir Jesus em tudo e se tornou seu braço direito no ministério. Ela é chamada a apóstola dos apóstolos e chega a despertar ciúmes nos homens que seguiam Jesus. Ela teve o privilégio de ser a primeira testemunha da ressurreição. A predileção de Jesus por Madalena é tamanha, que chegou a semear especulação de que ambos teriam um envolvimento romântico. Essa tese foi explorada, virada e revirada nos últimos dois mil anos, e chegou a ser objeto de uma publicação fantasiosa de Dan Brown, no best seller “O Código da Vinci”, em 2003.

Em relação às mulheres, Jesus desafiava as barreiras culturais e tabus sociais. Por exemplo, uma mulher com problema de ciclo, uma divorciada samaritana, uma mulher cananeia, uma mulher flagrada em adultério, uma pobre viúva, todas encontravam em Jesus compaixão, aceitação, perdão e acolhida.

O legado feminino deixado pelas mulheres contemporâneas de Jesus continua a estimular batalhas para recuperar a dignidade da mulher em todos os tempos e lugares até hoje.

A partir daí, quantas mulheres cristãs marcaram a história com sua presença atuante, corajosa e renovadora. Apesar da Igreja ainda marcar passo, beirando a Idade Média, embora tenha avançado bastante, a mulher, na Igreja Católica continua a ser cidadã de 2ª classe. Ao contrário dos protestantes que até ordenam mulheres Bispas, a católica continua obstinadamente masculina

(*) Pe. Otto Dana, 79 (54/58). Ordenação Presbiteral em 19.03.1967. Pároco Emérito da Igreja Sant'Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

Pirapora Matrix



Seminário de Pirapora do Bom Jesus



LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES

- perereca -

Aluno do Seminário de Pirapora em 1947 e 1948

Aluno do Seminário de S.Roque em 1949

D.Nasc.: 21.08.1932 - São Paulo-SP

Cada um é único em sua experiência! E lá se vão 71 anos através de minha memória; será que é a mesma? Descrevo aqui os dois anos que vivi no inesquecível Seminário de Pirapora do Bom Jesus.

Quero antes lembrar dos saudosos encontros dos ex-alunos de Pirapora. Começaram em 4 de julho de 1987 e o último deles foi em 18 de setembro de 1999, ocasião em que nosso estimado amigo Jurandyr Amadi informou que estávamos encerrando nossas reuniões naquela casa de formação, o nosso Seminário. Uma grande pena. Os motivos estão no coração de cada um, porque as idades vão avançando; as motivações, diminuindo. Faltava quórum...

Fui para Pirapora em 1947.

Quando estava com 5 anos de idade, meu desejo era ser padre. Porquê? Meu falecido tio, o Padre Joaquim Medeiros ... Independentemente dele, minha vocação foi crescendo, quando freqüentava a igreja dos padres salesianos de Santa Terezinha, na Zona Norte de São Paulo. Com grande alegria assistia à Santa Missa; parecia que já estava a caminho de ser padre. Em 1939, brincava de celebrar missa quando ganhei uma batina, um

roquete, um crucifixo e um cálice de madeira. Isso tudo tenho até hoje. Nessa época, eu era copeiro de uma senhora chamada Amália de Oliveira Camargo, que me deu tudo isso de presente. Ela sempre me dizia: “tome pouco vinho!”

Em 1940, passei a freqüentar a Igreja Nossa Sra. da Salette, no Alto de Santana, quando de sua pedra fundamental. Seu primeiro vigário era o Pe. André Duquet, missionário saletino. Em 1947, ele fez uma carta de apresentação ao Exmo. Sr. Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Mota, Arcebispo de São Paulo.

Em companhia de minha saudosa mãe, Maria Elisa Medeiros Fernandes, fomos ao Palácio Pio XII, no bairro do Paraíso. A primeira pergunta feita pelo Cardeal foi: “Você quer ser padre?” Com alegria no coração, respondi: “Sim”. Disse-me ele: “Para ser padre, tem que se estudar por quinze anos”. Logo em seguida, minha mãe perguntou-lhe: “O que devo fazer?” Disse-lhe que deveria providenciar as roupas e que eu iria estudar no Seminário Menor Metropolitano de Pirapora.

Ao chegar em casa, meu pai, Antônio Fernandes, e meus irmãos disseram-me em tom de brincadeira: “Você vai ser chamado de padrecão!”. No clarear do mês de fevereiro de 1947, meu pai me acompanhou até a Estação Sorocabana. Lá estavam meus novos colegas. Havia um padre de batina branca, premonstratense ele era. Às 6:30, o chefe da estação deu o apito da partida do trem e os acompanhantes ficaram acenando com lenços brancos.

Chegamos na Estação de Mailasky. Lá estava o caminhão do seminário para levar as bagagens e nós fomos de jardineira. Avistamos pela primeira vez o seminário; os padres de branco aguardavam a nossa chegada.

Cônego Clemente era o mestres eram os Lino, Fernandinho, Vitorino, João Bosco, Otto, Martinho, rodas, Inglês e os Irmã Valéria.

Com meus 15 anos, menores por somente para a recreação dos

Minha formação nos porque os seminaristas p a s s a d o p e l o na Rua Albuquerque Pavésio,. Lá eles

foram preparados para ir ao Seminário. Todavia, meu estudo era somente até o quarto ano primário, sem essa preparação. No Seminário, aprendi com muitos mestres, que sabiam o estudo. “E a gente amou saber ... missas e ofícios, na beleza esguia. Do cantochão da austera liturgia. E a gente soube crescer...”

No salão de estudos, sentado no alto e sua mesa cheia de trabalhos, o Padre Mestre observava seus seminaristas e orientava-os em qualquer dificuldade.

Meu dia-a-dia, assim como para os demais colegas, era rezar, estudar e outras coisas mais ... sempre com a presença do Padre Mestre. Tinha a hora do recreio em que, lá na doceria, nosso colega Flávio Fernandes gritava: “Doceria para os maiores, grandes e menores!” Comprava quem tinha dinheiro ... eu colocava na conta.

No Seminário ficou nossa juventude, nossos devaneios e nossos sonhos. Só nós podemos dizer que esta casa foi a maior e melhor escola de vida que Deus poderia ter nos reservado.

As festas de São Norberto... estão gravadas aqui. E lembro-me da presença do Cardeal Mota, de D. Antônio Maria Alves de Siqueira com D. Paulo Rolim Loureiro, bispos auxiliares de São Paulo.

Boa recordação quando em 1947 em nossa capela, assisti à ordenação diaconal de vários alunos do Seminário Central do Ipiranga. Entre eles, lá estava um dos mais altos, ordenando-se. Quem poderia ser? O Padre



reitor. Nossos futuros cônegos Ivo, Marcelo, Emílio, Inácio, Humberto, Norberto, Matheus, na cadeira de irmãos José, João e a

fiquei na recreação dos um ano, depois passei grandes.

estudos foi difícil, de São Paulo tinham Seminarinho que ficava Lins, com o Pe. João tinham o melhor;

Constantino Amstalden. Quanto a este, nós já sabemos de sua trajetória.

Lembro-me com alegria dos cânticos gregorianos, do coral do Seminário, do qual os maiores e os grandes, também os menores, faziam parte. Gravei alguns cânticos: O Maria tuus totus ego sum, a Missa De Angelis, Mãe Querida, Adoro te, Ave Verum, Panis Angelicus, as ladainhas e outros tantos. Admirava os cônegos na estala, rezando os ofícios e outros momentos especiais, como nas festas de São Norberto. Nos dias de retiro, cantavam o Veni Creator. O refeitório era um grande silêncio e um seminarista fazia a leitura de algum romance ou da vida de algum santo, enquanto fazíamos a refeição.

Eu era um menino que não parava quieto em lugar nenhum e era muito comunicativo. Bastante agitado. Pulava e ia de cá prá lá o tempo todo, conversava com todos os colegas, mas com os que eram de minha turma, que não era permitido nem conversar com os de outras turmas, nem muito menos com um só, aquela história da "amizade particular". E foi então que o Darcy Corazza começou a me chamar de Perereca, apelido que tenho até hoje.

Quando foi em 1948, o Cônego Clemente disse a todos que aqueles que escolhessem seguir a ordem norbertina iriam para o seminário em Jaú e os que quisessem ser seculares, para um seminário novo da Arquidiocese de São Paulo, que seria inaugurado em 1949. Como esse meu tio era vigário em Itu e era secular, eu preferi ir para São Roque, cidade em que haveria esse seminário. Além disso, a formação dos norbertinos era mais rígida e os seculares, mais flexível. Eu gostei da nova orientação.

Em São Roque, permaneci por só seis meses. Lá eu fiquei com ou sarampo ou catapora, não me lembro e tive os cuidados lá mesmo. Nas férias de meio de ano, julho, fui para casa e meu irmão mais velho (eu era o quinto filho, dentre sete) não gostou que, doente, eu estivesse longe da família, e me disse: "Você não vai voltar para o seminário.... não vai viver longe da família. Se já é assim, distante da família, enquanto é seminarista, o que haverá de ser quando se tornar um padre! Você não vai ser padre! Vou arranjar uma outra escola para você, e além disso, você poderá ajudar na renda do pai e da mãe. Eu pago estudo para você!" Foi assim que fui estudar datilografia, colégio comercial... e fui trabalhar na Casa Anglo Brasileira, na Isnard, no Banco Central, e depois no escritório Emílio Ribas, onde fiquei até minha aposentadoria em 1984.

Em suma, passei sempre com muito otimismo e alegria os dois anos em Pirapora. E, francamente, nada lá vivi que me deixasse contrariado. Meu dia-dia do passado me fortalece até hoje, quando, com idade avançada, continuo dizendo: "Obrigado, Senhor" e não me distancio de Nossa Senhora e de São Norberto, lá na inesquecível capela.

Tudo o que aqui descrevi é um pequeno resumo, senão, escreveria todo um livro.

Aquele abraço.



Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,
Saboó, diversão, e agora,
Don Patto, que está de portas abertas
para recebê-los com um delicioso almoço
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP
(11) 4711-3001
www.viladonpattro.com.br



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

PHOTANTQUA



RECREIO DO IBATÉ EM 1951

(acervo de Joel Hirenaldo Barbieri)

* AGACHADOS - 1. ??? 2. Amivaldo de Moraes 3. ??? 4. Algimantas Bortkevicius (Bixo-bixo) 5. Sérgio José Schirato

* FILEIRA DO MEIO - 1. Pedro Prudente de Siqueira Sobrinho 2. Antônio Pedro Lorenzatti 3. ??? 4. Durval de Almeida (Sapinho) 5. ??? 6. Joel Hirenaldo Barbieri 7. Heládio Bispo do Prado 8. ??? 9. Pe. Paschoal Amato 10. Justino Hélio Zancan 11. ??? 12. Laerte Vicente 13. ???

* FILEIRA DE TRÁS - 1. João de Assis Benvegnu 2. Joaquim Benedito de Oliveira 3. Elídio Mantovanni 4. ? 5. ? 6. ? 7. ?

Para-choque do Caminhão do Ibaté

**O FUTURO JÁ NÃO
É MAIS COMO
ANTIGAMENTE**



Feliz Aniversário!

Quisérámos ter braços de gigante para amplexar carinhosamente todos os colegas aniversariantes durante este ano de 2018. Para representar a grande família ibateana, escolhemos os “enta”, a partir dos 70. Dessa forma, homenageamos aqueles que, neste ano:

COMPLETARAM 70 ANOS DE IDADE: ADOLFO HEITOR REINHOLD (61)adohei@msn.com; ALFREDO EMERSON CARDOSO OLIVEIRA (61); ANTONIO CARLOS MARQUES-ZAQUEU (60/65) marqac1@gmail.com; ANTONIO DE PAULA PEREIRA (61/66); ANTÔNIO INOCÊNCIO CORREIA DE FREITAS (63) antonio_icfreitas@yahoo.com.br; APARECIDO SANTOS RAMIRES (61/62); ARISTIDES PERILLO BANZATTO JUNIOR (61/62) b21j09@gmail.com; ARLINDO PIRES PINHO (61/64) arlindopires74@yahoo.com.br; BENEDITO CELIO PRESENTE (60); BENEDITO QUINTINO CHIACHERINE (59); CARLOS DE ROSA FILHO (60/64) carlosrosafilho48@gmail.com; DILSON BRANCO (61/64); ELÍDIO PEREIRA MARTINS (62/64)



martinselidio@gmail.com; ESTANISLAU ANTONIO DE BARROS BRÁZ (62/63) stanbraz@gmail.com; GERALDO LUIZ DE ABREU (64/66) ge-abreu@hotmail.com; GILENO CALDAS BARBOZA (63/64) lenob2001@yahoo.com.br; JOÃO CALEGARI RODRIGUES SIMÕES (62/63); JOÃO FERNANDES NETO (62/63); JOSÉ ANCHIETA ALVES DA COSTA (58/62) anchietacosta33@gmail.com; JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA BARBOSA (62) barbosa.2@uol.com.br; JOSÉ ARI MOTA (62); JOSÉ DOS SANTOS (61/62) josandelsp@terra.com.br; JOSÉ FERNANDES DA SILVA (63) jfstorito@hotmail.com; JOSÉ GOMES PINHEIRO (60/64) pinheiro.jg@uol.com.br; JOSÉ LUIZ GARBUIO (61/64); JOSÉ MANOEL PEDREIRA CARABEL (61/62); JOSÉ NANNI (63/64) josenanni@terra.com.br; JOSÉ ROBERTO RODRIGUES (62/64) jose.rr@icloud.com; LÁZARO QUADRO (61/63); LUIZ ANTONIO CALLEGARO(62/64) luizinhocallegaro@gmail.com; LUÍZ AURÉLIO RIBEIRO (63/64) luizaurelio@goldimoveis.com; LUIZ ROBERTO BACILIERI (59) luizbacilieri@bol.com.br; MAURO ADALBERTO PATRONI (61/62); NORIVAL LUPETTI (61/62); OTÁVIO MARIO GUZZON (60/63) otavioguzzon@yahoo.com.br; REINALDO CAMARGO TEIXEIRA (62/63); ROBERTO CASSANIGA (62/64); ROBERTO ROMERO (62/64) roberto.romero48@gmail.com; RUI VIEIRA TORCATO (62); SÉRGIO OLIVEIRA FIGUEIREDO (63); SILVIO MARTINS FILHO-MINEIRINHO (60/65) silviofilhomartins@gmail.com; VICTOR CRUZ (61/64) vi.cruz00@yahoo.com.br.

COMPLETARAM 75 ANOS DE IDADE: ADALBERTO PEQUENO GAIA (59); AFONSO CELSO PAULA LIMA (58/60) afonsocelsopl@hotmail.com; ANTONIO APARECIDO PEREIRA, PE. (59/64) padrecido@uol.com.br; ANTONIO CARLOS CARNEIRO ZAPPAROLI (57); zapparoli@bizamar.com.br; ANTONIO PINTO RAMALHO JUNIOR (59/64) ramalho.antonio15@gmail.com; CÍRO ARQUIMEDES ZANATTA (59/60) cirozanatta@metroind.com.br; EDANIR DOS SANTOS (59/61) edanirsantos@hotmail.com; ELANIR DOS SANTOS (59/61) elanirsantos@gmail.com; GERALDO LUCIANO TOLEDO (57/59) gltoledo@usp.br; JESUS MESSIAS DO NASCIMENTO (59) messias4@globo.com; JOÃO SCHALL (58/59) joscha@uol.com.br; JOSÉ MARIA RICO (59); JOSÉ NOVAES (58/60) jotanovaes@bol.com.br; JULIÁN SÁNCHEZ HERMIDA, PE. julianjusahe@yahoo.es ; LUIZ ESTEVES FERNANDES (59) luizestevesfernandes@yahoo.com.br; LUIZ GONZAGA CRUZ (57/58) mcalgc@terra.com.br; NELSON PEREIRA DE JESUS (59/60) toninha1947@outlook.com; OTTO CARLOS HOPF (57/58); PAULO RABELO CORREA (57/58) correa.alp@terra.com.br; THOMAS GOMIDE, PE. (57/60) tgomide@me.com; WILSON CÂNDIDO CRUZ (59/64) wilsonccruz794@gmail.com;

COMPLETARAM 80 ANOS DE IDADE: ADEMAR MUTTON (55/56) a.mutton@terra.com.br; ANTONIO PAROLIN (50/56); ANTONIO PEDRO DE SOUZA (58); ASSIS SILVEIRA SOARES (58) odontoassis@uol.com.br; DÉCIO JOSÉ DEL NERY (54/55) decioeglades@hotmail.com; DEUSDEDIT CADU DOS SANTOS (53); DOMINGOS ANGELO LAMMOGLIA (49/51) domingos.lammoglia@terra.com.br; DURVAL DA COSTA (53); ERCILIO TURCO, Dom d.ercilio.turco@uol.com.br; UDEMAR ANTONIO DE OLIVEIRA MEIRA (55) e.meira@yahoo.com.br; GLIDER JOSÉ ARIGONI (50/52); INDOLETI DIAS (51/54) regina@primeband.com.br; JOÃO BOSCO DE SOUZA (51/52) engrenagens@ebandeirante.com.br; JOEL HIRENALDO

BARBIERI (51/58) joel.hirenaldo@terra.com.br; JOSÉ DE BARROS BARBOSA (53) 1938barros@gmail.com; JOSÉ HYPOLITO CORREA (55/59); JOSÉ JORGE PERALTA (58/59) josejorgeperalta@gmail.com; JOSÉ MARIA PINHEIRO, Dom (51/57) djmp70@gmail.com; LUIZ ALBERTO CORREA DA SILVA (51/57) raphatessari@gmail.com; LUIZ MUCCIOLO (49); MIGUEL CONTE (51) miguel@conteseguros.com.br; OLAERÇO PICCOLO (57); ORLANDO RIBEIRO CARDOSO (55/58); OTTO DANA, PE. (54/58) otto.dana@gmail.com; PAULO NOGUEIRA DE FREITAS (54) paulonogueira100@hotmail.com; PAULO ROCHA CAMARGO (49/51); PEDRO SANSONE (51) psansone@globomail.com; ROBERTO DAVINI (50/54) r.davini@yahoo.com.br; SALVADOR INÁCIO GOMIDE (51); SEBASTIÃO CAMPANARO (58/59) campanaro@3colinasfm.com.br; SEBASTIÃO DESTEFANI REGHIN (54/58) sebastiaoreghin@gmail.com; VICENTE JOSÉ DE SOUZA (55/59); WALTER BARELLI (51/56) walter.barelli@gmail.com; WASHINGTON LUIS VIANA (51/52) wlviana1805@gmail.com.

COMPLETARAM 85 ANOS DE IDADE; ANGELO PALACIOS MOYANO (49/51); CELSO BISSOLI (49/51); HENRIQUE SANCHES (57); LUIZ AUGUSTO MARCONDES CARVALHO (49); MAURICIO BORBA (49/51); MOISES BOVO (50/51); WALMIR DA SILVA GOMES (49/52) walmirsgomes@yahoo.com.br.

ANIVERSARIANTES DE ORDENAÇÃO PRESBITERIAL: CHILLES PACCELI DE OLIVEIRA PINHEIRO, PE. (56) 30 ANOS; DURVAL DE ALMEIDA, PE. (49/57) 50 ANOS; EDMUNDO DA MATTA-BITA, PE. (49/56) paróquia.slgonzaga@hotmail.com 55 ANOS; GETULIO VIEIRA, MONS. (58/61) padredaconchinha@gmail.com 50 ANOS; ERCILIO TURCO, DOM d.ercilio.turco@uol.com.br 55 ANOS; LUIZ VIRTUOSO, PE.(62/63) padreluizvirt@hotmail.com) 30ANOS; OSWALDO GIUNTINI, DOM (49/55) 55 ANOS; SIDNEY JOSÉ BARONE, PE. (59) padrebarone@gmail.com 40 ANOS.

ANIVERSARIANTES DE ORDENAÇÃO EPISCOPAL: DOM ANTONIO GASPAR (51/55) dom.Gaspar@uol.com.br 35 ANOS.



De Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56) - Aos amigos do Ibaté meus agradecimentos pela lembrança de meu aniversário. Conforme a vida adianta pelo tempo mais a gente aprende que a amizade nos ajuda a sustentar as forças. Ainda mais se a amizade se sustenta na fraternidade aprendida nos tempos de seminário. Irmãos e amigos: algo parecido com a perfeição da vida cristã. Meu abraço a todos, e viva a vida, a fraternidade e a união. São Paulo-SP 14.10.2018 joka.oliveira@uol.com.br

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Prezado Wilson Mosca, foi muito bom ter recebido o nosso Echus do Ibaté (nº 157), no qual pude ler com felicidade, o meu nome e a minha foto logo à primeira página. Significativa homenagem de parabéns, extensiva a mais dois colegas ibateanos, por termos nascido no dia 04 de outubro, festa de São Francisco de Assis. Quero então expressar os sinceros agradecimentos por menção tão honrosa para mim. Fraternal abraço. Salvador-BA 17.10.2018 Jramalho47@gmail.com

De Francisco Cleverton Ribeiro Marques (59/61) - O artigo da página 9 do Echus 156 COISAS DE VELHO, muito bom! Identifiquei-me com quase todas as descrições, embora ainda esteja só com 76 anos. Compreendo melhor agora o porquê do dito “nascer é o 1º passo à velhice” e assumi-me inteiramente no contexto do parágrafo final. Parabéns ao autor AUGUSTO JOSÉ CHIAVEGATO. Osasco-SP 21.10.2018 franciscoclever@hotmail.com



Neste ano não sei se poderei comemorar o Natal. Algumas personalidades tremendamente importantes acabaram tristemente por ameaçar minha fé. Imagine você, meu caro leitor, que padres, pastores, bispos e até cardeais me aconselharam, nestes últimos tempos, a elogiar a tortura, a perseguição, o desprezo para com negros, sapatões e quilombolas! E pasme! Em nome de Deus!!! Céus! No início, achei que eu estava maluco e tinha perdido a capacidade de interpretar textos. Mas como essas investidas "cristãs" ganharam intensidade e importância, compreendi que não era problema particularmente meu. Conversei com amigos e constatei que alguns deles também estavam perplexos. Ufa! Não era só eu.

Comecei, então, um trabalho de juntar peças, espécie de puzzle existencial e, pouco a pouco, foi surgindo uma terrível paisagem: escura, sombria e, por fim, aterrorizante. Duvidei ainda de mim mesmo e me perguntei se estaria entrando em estado de depressão. Quem me tirou isso da cabeça e da alma foi o doutor Arthur Kaufman, psiquiatra da USP, com uma simples sessão de volta à realidade.

Passei, então a ler mais, conversar e ouvir mais e, principalmente, a pensar mais. E constatei: não havia dúvida. Era isso mesmo: Deus estava, a sua revelia, justificando o ódio. Como poderia acontecer essa reviravolta religiosa? Em que parte do Evangelho Cristo deu exemplo de exclusão? Onde está o trecho em que Ele, que foi torturado por Pilatos, autoriza a tortura? Qual a fala d'Ele

promove o desrespeito a alguma pessoa? Será que é necessário ignorar como Ele salvou do apedrejamento a mulher adúltera?

Surpreso, descobri que o discurso daquelas autoridades religiosas era o mesmo aqui no Brasil, no Vaticano e nos Estados Unidos. Arrepiei-me ao tomar conhecimento da carta do cardeal Viganó pedindo a renúncia do Papa Francisco tendo por base algumas fake news. Em seguida, li assustado as manifestações de cardeais e bispos americanos aprovando essa carta. Mais para frente, li que os bispos americanos se aconselharam com Steve Bannon, especial programador da campanha de Donald Trump, e que nestas nossas plagas, orientou a equipe vencedora das eleições de outubro.

Quer dizer: o Evangelho passou a ser o texto inspirador de mentalidades do contra: contra o Papa, que defende imigrantes e exige trabalho, terra e teto para pobres; contra os vermelhos, que incluem pobres na agenda econômica, contra...contra...contra.... Como comemorar o Natal então?

Mimimi tudo isso! Ah! caro leitor, você pensou assim, é? Saiba, então, que nenhuma das informações contidas neste texto é de minha autoria. Li tudo isso no boletim diário dos jesuítas no Newsletter do Rio Grande do Sul.

Serão os jesuítas gaúchos colorados ou gremistas?



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 81 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUC-SP - joka.oliveira@uol.com.br



Dependência de álcool e outras drogas?

Entre em contato com o **Roberto Oliveira da Silva** Psicólogo com vários cursos na área da Dependência Química.

Dá assistência aos familiares, amigos e para o usuário.

EVITE situações que façam aumentar o sofrimento para você e para as pessoas que você ama - faça a sua parte: procure ajuda.

O **Roberto** é do nosso time - **Turma do Ibaté (1970 - 1973)**

Ele convive com a complexa questão da Dependência Química há 8 anos. Seu trabalho é voluntário (gratuito) no Instituto Pinderê há 11 anos.

WhatsApp 11-95431-4413 - Tim | 11-98851-6786 - Claro | Instituto Pinderê - 11 5511-8153 (falar com a Bia)
e-mail: ccicm22@gmail.com



Foi num domingo pela manhã, no início de agosto de 1993. Ao encontrar-me na matriz de São Roque com o Pe. Luiz Gonzaga de Mello Camargo - antigo professor do Seminário- ele me disse que, naquela semana, estiveram no Ibaté alguns ex-alunos para fazer-lhe uma visita, uma vez que ele cuidava do Seminário.

Essa notícia do padre Luiz foi o embrião e o ponto de partida dos nossos encontros bienais. Agosto de 1993, vinte e cinco anos atrás!

Pe. Luiz me perguntou se eu conhecia o Fierro. Respondi apenas de nome, uma vez que o Fierro era da década de 1950 e eu estive no Ibaté “apenas” dez anos depois. Mas, tudo bem. Então, o Pe. Luiz me contou que aquele grupo que lá estivera, falava sobre a possibilidade de reunir no Seminário os ex-seminaristas para concretizar um possível encontro de ex-alunos. Numa simpática demonstração de interesse, o padre, à tarde desse mesmo dia passou em casa e me deixou o número do telefone do Fierro. Da minha parte, senti-me contagiado pelo seu interesse. Então, liguei para esse ex-aluno, um amigo recém-descoberto e disse-lhe que, da minha parte, mantinha contato com alguns colegas da minha época e também sabia os nomes de outros tantos.

Moral da história: Fierro me convidou para uma reunião com aquele mesmo grupo que estivera no Seminário. A reunião seria realizada na igreja da Consolação, em São Paulo.

Nem é preciso dizer que, quando nos reunimos nesse dia, a alegria era contagiante, fortemente contagiante.

Trocamos ideias, informações e, naturalmente, aproveitando a disciplina que aprendemos no Ibaté, começamos a pensar e a organizar o encontro. De imediato, fomos listando os nomes que lembrávamos, e os telefonemas iam sendo feitos. Que horror! ainda não tinha internet. Nesses contatos pedimos para que os contatados replicassem a outros possíveis ex-alunos. A partir daí, reservamos a data no Seminário e programamos o encontro que, por sinal, se tornou algo esperançoso.

Dia do encontro: 11 de dezembro de 1993. Tema do encontro na missa: CELEBRAÇÃO DA AMIZADE.

No dia da festa foi programada uma concentração no centro de São Roque, na Praça dos Mendes. Em seguida, em carreata, todos se dirigiram para as “Colinas do Ibaté” honrosamente escoltados pela polícia, tal o alvoroço causado na cidade.

Uma vez no saudoso espaço do Seminário, colegas que não se viam há vinte, trinta anos e até mais, se reencontravam agora, juntamente com familiares. Como natural, alguns esquecimentos de nomes eram logo desfeitos, resultando em abraços com lágrimas e muita emoção.

Missa devidamente preparada, coral ensaiado com cantos em latim daqueles tempos. Abraços, confraternização,

visita às dependências, tudo especialmente misturado com júbilo e com a alegria do reencontro naquele mesmo ambiente em que viveram no passado. A idade de cada um não contava, porque uma emoção saudável rejuvenescia a todos.

Muitas recordações. Recordação dos padres, dos estudos levados a sério, das atividades culturais ou esportivas, como a Banda Santa Cecília, os espetáculos teatrais para os atores e espectadores, o futebol com garra, a prática do espiribol, “esporte” que era quase que só conhecido pelos seminaristas.

Lembrança especial ressuscitava a disciplina, os retiros espirituais, os trabalhos em prol das Missões, as caminhadas para escalar o Saboó. Quanto júbilo! Quanta alegria!

Voz corrente dos familiares presentes pintava bem o cenário: como nós, ex-alunos, parecíamos que ainda continuávamos morando juntos no Seminário; ou, então, parecia que tínhamos estado em contato por todos esses vinte ou trinta anos, e até mais, sempre convivendo, apesar da separação.

Na convivência desse dia de encontro cumpre destacar: interpelação entre uns e outros não era pelo “recheio” da conta bancária mas, sim, como estavam a vida, a saúde a família do amigo.

Quem esteve no primeiro encontro em dezembro de 1993, há vinte e cinco anos, há de se lembrar do júbilo vivido naquela ocasião. Não exagero em dizer que deve ter sido um dos dias mais alegres de nossas vidas. Assim, essa alegria, precisando ser cultivada, fez com que criássemos um meio de continuar o contato que foi o “ecoar” do Ibaté, ou seja, surgiu o nosso ECHUS, Echus do Ibaté, que nasceu para desvelar a vida vivida na disciplina e nos valores que marcaram os alunos no período de 1949 a 1973. O Echus do Ibaté foi criado com esse objetivo e, da mesma

maneira, promovendo o “Ut omnes unum sint”.

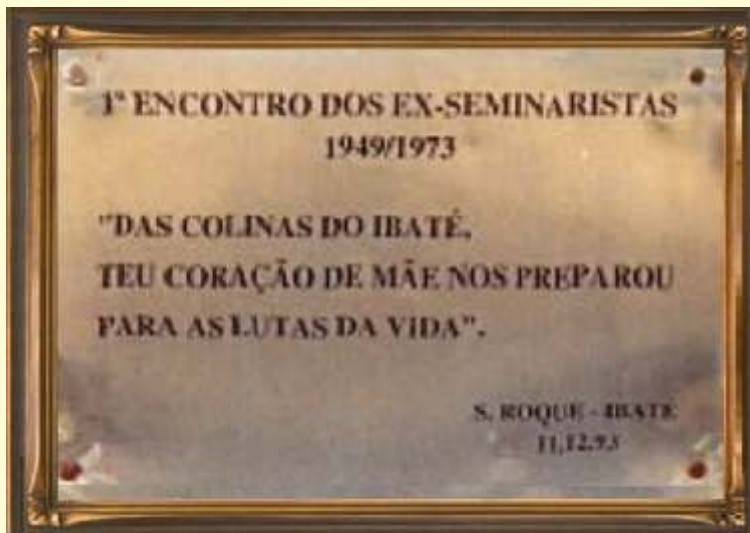
Como resultado de tudo isso, foram surgindo os mais variados eventos de confraternização: os encontros nas primeiras sextas-feiras de cada mês, as celebrações nos finais de ano, o futebol, a alcaçofrada e, principalmente, a determinação para os encontros bienais. Por sinal, já está marcado para 2019 o “14º Encontro de Ex-Alunos do Ibaté”, no dia 24 de agosto.

Alguns colegas já nos precederam na Casa do Pai. Mais um motivo para reafirmarmos a alegria de termos estado juntos em todos estes treze encontros já realizados. Assim é que, pelo espírito fraterno, mais do que de amizade, conseguimos levar adiante essa jornada.

Júbilo! Vinte e cinco anos!

Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, sementeira da amizade que continua florescendo.

Cultivemos! Exultemos!



(*) Marcio Pereira da Silva, 62 (67/70) tem o apelido de Paçoca dado pelo Cirênio José da Gama, que nunca apareceu nos encontros. Fez Filosofia e Teologia, mas depois foi para o Direito. Advoga, leciona Direito Civil e é Juiz no Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese de São Paulo. ventomarcio@hotmail.com

HISTÓRIA CRISTÃ



Natal,

Missa do galo assistida de estrelas.
E à meia-noite havia tanta glória
na grande catedral -
que o Menino Jesus que não ama a riqueza
no retábulo de ouro onde estava, no altar
moveu os bracinhos, sério
e começou a gritar e a chorar!

Logo para acamá-lo
o sacerdote em vão o embalou nos joelhos
e mostrou-lhe no alto as lâmpadas da festa
a tremer e a brilhar...

Acenderam-se em vão mais cristais com espelhos.
O Menino Jesus continuou a chorar.

Embalde o órgão gemeu cantilenas serenas
de adormecer, de acalantar;
em vão mais docemente entoaram os hosanas.
Mais incenso! Mais rosas!
E o Menino Jesus a chorar, a chorar...

Cem senhoras de escol
com perfumes e jóias e sorrisos em flor
o tomaram nas mãos.

Cem mantos de veludo em vão o aconchegaram
em cem colos cristãos.

E o arcebispo até de dalmática real
agitou de mansinho os olhos do Menino
dez campainhas - dez! - todas em matinada
a tocar
tilin-tim! tilin-tim!

Nada, nada;

Jesus... continuou a chorar.

Então uma preta humilde, uma preta descalça,
de pixaim branquinho a tomá-lo se ergueu;
afagou-o a tremer com ingênua doçura,
maternalmente o repreendeu:
"Vem drumi; vem drumi, Sinhô moço!"

O Menino Jesus sorriu e adormeceu.

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

PARÓQUIA DAS TROVAS

Feliz é quem, pela vida,
doente mesmo, é capaz
de dar a tudo guarida,
num gesto meigo de paz.

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) [1951/57]

Meu passeio preferido,
na minha melhor idade,
é vagar meio perdido
pelas sendas da saudade.

A guerra acabou! Mãos à obra!
Construa-se agora a paz!
Ao bem da Pátria se dobra,
quem de ato nobre é capaz!

Noite feliz e de paz,
um prenúncio de esperança,
na qual um Deus foi capaz
de até se fazer criança.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Aquela folha caída
que no solo se perdeu,
pelo vento sacudida...
aquela folha sou eu !

Se, para nós, todo dia
fosse Dia de Natal,
ó, que fecunda harmonia
e que paz celestial.

Alfredo Barbieri (49/53)

Santo Antônio, Santo Anselmo,
São Cosme e São Damião
Quero lança, quero elmo
E São Jorge com o dragão.

Van Gogh e Aleijadinho
são os artistas do mundo.
O primeiro, na pintura
e na escultura, o segundo.

Valdevino Soares de Oliveira (1959/63)

Foi na gruta de Belém
que o Menino Deus nasceu.
Foi pensando em nosso bem
que na cruz ele morreu.

É no meu recolhimento
quando a musa me visita
e é também neste momento
que algum verso ela suscita.

Alberto Pimenta de Oliveira (Pipinudo) [1953/58]

Responde, ó Deus, pela mão
que podes ver, calejada:
- por que há de ter tanto chão,
quem nele não planta nada?

Não chores nunca, meu filho,
querendo no céu brilhar.
A estrela-do-mar, sem brilho
É o brilho do próprio mar...

Jaime Pina da Silveira

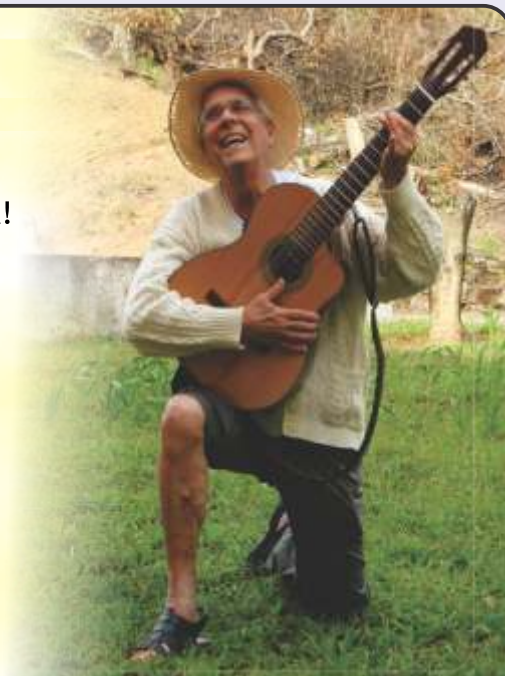
Ex-aluno do Colégio São José

Pouso Alegre, MG Padres Pavonianos

Tem cabelo só dos lados;
mas como há jeito pra tudo,
ele faz uns repuxados
e é um... careca-cabeludo!

Às vezes um simples dito,
ingênuo nas aparências,
pode alcançar o infinito
nas asas das reticências...

Waldir Neves, 1996 - "magnífico trovador"
Convidado especial - Coadjutor na paróquia



**Envie-nos você
também a sua trova**



PRESÉPIO

Carlos Drummond de Andrade

Dasdores (assim se chamavam as moças daquele tempo) sentia-se dividida entre a Missa do Galo e o presépio. Se fosse à igreja, o presépio não ficaria armado antes de meia-noite e, se se dedicasse ao segundo, não veria o namorado.

É difícil ver namorado na rua, pois moça não deve sair de casa, salvo para rezar ou visitar parentes. Festas são raras. O cinema ainda não foi inventado, ou, se o foi, não chegou a esta nossa cidade, que é antes uma fazenda crescida. Cabras passeiam nas ruas, um cinorro tilinta: é a tropa. E viúvas espiam de janelas, que se diriam jaulas.



Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever as cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. "Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?" "Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo desse gato furtar a carne?" "Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha". Dasdores multiplica-se, corre, delibera e providencia mil coisas. Mas é um engano supor que se deixou aprisionar por obrigações enfadonhas. Em seu coração ela voa para o sobrado da outra rua, em que, fumando ou alisando o cabelo com brilhantina, está Abelardo.

Das mil maneiras de amar, ó pais, a secreta é a mais ardilosa, e eis a que ocorre na espécie. Dasdores sente-se livre em meio às tarefas, e até mesmo extrai delas algum prazer. (Dir-se-ia que as mulheres foram feitas para o trabalho... Alguma coisa mais do que resignação sustenta as donas-de-casa.) Dasdores sabe combinar o movimento dos braços com a atividade interior — é uma conspiradora — e sempre acha folga para pensar em Abelardo. Esta véspera de Natal, porém, veio encontrá-la completamente

desprevenida. O presépio está por armar, a noite caminha, lenta como costuma fazê-lo no interior, mas Dasdores é íntima do relógio grande da sala de jantar, que não perdoa, e mesmo no mais calmo povoado o tempo dá um salto repentino, desafia o incauto: "Agarra-me!" Sucede que ninguém mais, salvo esta moça, pode dispor o presépio, arte comunicada por uma tia já morta. E só Dasdores conhece o lugar de cada peça, determinado há quase dois mil anos, porque cada bicho, cada musgo tem seu papel no nascimento do Menino, e aí do presépio que cede a novidades.

As caixas estão depositadas no chão ou sobre a mesa, e desembulhá-las é a primeira satisfação entre as que estão infusas na prática ritual da armação do presépio. Todos os irmãos querem colaborar, mas antes atrapalham, e Dasdores prefere ver-se morta a ceder-lhes a responsabilidade plena da direção. Jamais lhes será dado tocar, por exemplo, no Menino Jesus, na Virgem e em São José. Nos pastores, sim, e nas grutas subsidiárias. O melhor seria que não amolassem, e Dasdores passaria o dia inteiro compondo sozinha a paisagem de água e pedras, relva, cães e pinheiros, que há de circundar a manjedoura. Nem todos os animais estão perfeitos; este carneirinho tem uma perna quebrada, que se poderia consertar, mas parece a Dasdores que, assim mutilado e dolorido, o Menino deve querer-lhe mais. Os camelos, bastante miúdos, não guardam proporção com os cameleiros que os tangem; mas são presente da tia morta, e participam da natureza dos animais domésticos, a qual por sua vez participa obscuramente da natureza da família. Através de um sentimento nebuloso, afigura-se-lhe que tudo é uma coisa só, e não há limites para o humano. Dasdores passa os dedos, com ternura, pelos camelinhos; sente neles a macieza da mão de Abelardo.

Alguém bate palmas na escada; ô de casa! amigas que vêm combinar a hora de ir para a igreja. Entram e acham o presépio desarranjado, na sala em desordem. Esta visita come mais tempo, matéria preciosa ("Agarra-me! Agarra-me!"). Quando alguém dispõe apenas de uns poucos minutos para fazer algo de muito importante e que exige não somente largo espaço de tempo mas também uma calma dominadora — algo de muito importante e que não pode absolutamente ser adiado - se esse alguém é nervoso, sua vontade se concentra, numa excitação aguda, e o trabalho começa a surgir, perfeito, de circunstâncias adversas. Dasdores não pertence a essa raça torturada e criadora; figura no ramo também delicado, mas impotente, dos fantasistas. Vão-se as amigas, para voltar duas horas depois, e Dasdores, interrogando o relógio, nele vê apenas o rosto de Abelardo, como também percebe esse rosto de bigode, e a cabeleira lustrosa, e os olhos acesos, dissimulados nas ramagens do papel da parede, e um pouco por toda parte.

A mão continua tocando maquinalmente nas figuras do presépio dispondo-as onde convém. Nada fará com que erre; do passado a tia repete sua lição profunda. Entretanto, o prazer de distribuir as figuras, de fixar a estrela, de espalhar no lago de vidro os patinhos de celulóide, está alterado, ou subtraí-se. Dasdores não o saboreia por inteiro. Ou nele se insinuou o prazer da missa? Ou o medo de que o primeiro, prolongando-se, viesse a impedir o segundo? Ou um sentimento de culpa, ao misturar o sagrado ao profano, dando, talvez, preferência a este último, pois no fundo da caminha de palha suas mãos acariciavam o Menino, mas o que a pele queria sentir sentia, Deus me perdoe — era um calor humano, já sabeis de quem.



Aqui desejaria, porque o mundo é cruel e as histórias também costumam sê-lo, acelerar o ritmo da narrativa, prover Dasdores com os muitos braços de que ela carece para cumprir com sua obrigação, vestir-se violentamente, sair com as amigas — depressa, depressa, ir correndo ladeira acima, encontrar a igreja vazia, o adro já quase deserto, e nenhum Abelardo. Mas seria preciso atribuir-lhe, não braços e pernas suplementares, e sim outra natureza, diferente da que lhe coube, e é pura placidez. Correi, sôfregos, correi ladeira acima, e chegai sempre ou muito tarde ou muito cedo, mas continuai a correr, a matar-vos, sem perspectiva de paz ou conciliação. Não assim os serenos, aqueles que, mesmo sensuais, se policiam. O dono desta noite, depois do Menino, é o relógio, e este vai mastigando seus minutos, seus cinco minutos, seus quinze minutos. Se nos esquecermos dele, talvez pule meia hora, como um prestidigitador furta um ovo, mas, se nos pusermos a contemplá-lo, os números gelam, o ponteiro imobiliza-se, a vida parou rigorosamente. Saber que a vida parou seria reconfortante para Dasdores, que assim lograria folga para localizar condignamente os três reis na estrada, levantar os muros de Belém. Começa a fazê-lo, e o tempo dispara de novo. "Agarra-me! Agarra-me!" Nas cabeças que espiam pela porta entreaberta, no estouvamento dos irmãos, que querem se debruçar sobre o caminho de areia antes que essa esteja espalhada, na muda interrogação da mãe, no sentimento de que a vida é variada demais para caber em instantes tão curtos, no calor que começa a fazer apesar das janelas escancaradas — há uma previsão de malogro iminente. Pronto, este ano não haverá Natal. Nem namorado. E a noite se fundirá num largo pranto sobre o travesseiro.

Mas Dasdores continua, calma e preocupada, cismarenta e repartida, juntando na imaginação os dois deuses, colocando os pastores na posição devida e peculiar à adoração, decifrando os olhos de Abelardo, as mãos de Abelardo, o mistério prestigioso do ser de Abelardo, a auréola que os caminantes descobriram em torno dos cabelos macios de Abelardo, a pele morena de Jesus, e aquele cigarro — quem botou! — ardendo na areia do presépio, e que Abelardo fumava na outra rua.

"Contos de Aprendiz", Editora do Autor - Rio de Janeiro, 1963, pág. 51



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733



Vale a pena ler de novo...

VENI, DOMINE, ET NOLI TARDARE



Mons. Antônio Raimundo dos Anjos

As melodias antifonais do Advento vão nos tocando aos poucos, conduzindo-nos para longe, como ocorreu ao monge descrito pelo Pe. Manuel Bernardes, em “A nova floresta”. Enquanto salmodiava as Matinas, o piedoso monge ficou embevecido com o trinar de um pássaro canoro no lusco-fusco daquela madrugada. Lentamente foi se afastando do coro de sua comunidade e adentrando aos poucos na floresta. Ao voltar, duzentos (?) anos depois, o mosteiro era o mesmo, mas não reconheceu ninguém...

Pois as melodias natalinas me levaram de volta ao Seminário de São Roque.

Mudei eu, certamente, mudou o Seminário, todos mudaram e muitos desapareceram ao ouvir as angelicais melodias da eternidade, em alguma madrugada de luz.

Não, o seminário não é um colégio, não é uma escola, não é uma corporação qualquer.

Pode até ser tudo isso, mas é, acima de tudo, uma das vivências mais sui generis e intensas da fraternidade. Nele, mestres são pais e parentes; colegas são irmãos e amigos especialíssimos, não obstante a competição do mundo estudantil e as idiosincrasias da juventude.

Passado o tempo, damo-nos conta que a “férrea disciplina” acabava sendo um “jugo suave”, tamanha era a irradiação da luz de Cristo que se difundia em nossas vidas, ali exercitadas para servir ao divino e ao humano, a qualquer custo,

do prazer e também da vida.

Parece-nos hoje, tudo tão suave, as penitências, as mortificações (palavra típica do jargão seminarístico), as punições, as admoestações.

Ninguém entenderá a sociologia do seminário (ao menos nos moldes dos antigos), se não compreender seu referencial básico: perfeição como ideal e exigência evangélica do “Sede perfeitos...”

À luz de tudo isso e do tempo já passado, não temos mais mágoas de termos visto a queda de nossas vaidades, competições e ambições mundanas, sem termos perdido nossa auto-estima.

Nem mesmo recriminamos a rudeza de algum mestre que, às vezes, exigia de nós quase o infinito.

É que tudo tinha realmente sentido: destinados estávamos para servir ao Rei dos reis, amando-o com todas as nossas potencialidades. Iríamos para a mais dura das lutas: salvar almas, resgatar seres humanos degradados em todos os sentidos.

Ao trar neste Advento, ao escutar as melodias do Natal, eu entro também de volta no Seminário de São Roque do Ibaté, e percorro lentamente todos os espaços para mim sagrados, em saudade e em preces.

Onde estão vocês todos que não estão mais aqui?

Onde quer que estejam, “Feliz Natal”.

ANTÔNIO RAIMUNDO DOS ANJOS, MONS. 1957/58 - Foi reitor da UNEB, Universidade Estadual da Bahia. Faleceu aos 70 anos de idade em 16.05.2017 - Artigo publicado no Echus 077, de Janeiro-Fevereiro de 2005



TREM DE DOIDOS

Da janela do trem
o doido me acena.
Para onde vai? de onde vem?
Vem do aquém ou do além
e vai pra Barbacena.
Duvido de minha lucidez.
Na cidade dos loucos,
os lúcidos são poucos
e entre eles, não tenho vez.
Li o Alienista.
Achei-me Bacamarte.
Enganei-me, perdi-me de vista,
não tenho engenho nem arte.
De médico e louco,
não tenho pouco.
E da loucura sou freguês.
Conto um ...
Conto dois ...
Conto três. ...
Perdi a conta? ... Conto outra vez...
O agora me escapa, e o futuro não vem
Sou viajante do tempo; estou também nesse trem.
Perdi-me. Busco a identidade
Sou mais um na loucura do mundo.
Mundo mundo vasto mundo !
Quem sabe, não serei eu, do poeta, o Raimundo !?

Valdevino Soares de Oliveira. 73. 59/63
Professor universitário aposentado (Unesp)

CASO EDIFICANTE

José Lui*



Japoronga sabido...

Um tempo atrás o Tonho foi pescar. Ele ali com a vara na mão mais de horas, e não pescava nada.

Do seu lado tinha um japonês que pegava peixe até com a mão, pegava o que queria.

Vendo o japonês pegando tanto perguntou:

- O que você faz para pegar tanto e eu aqui nada?
- Ih, japonês sabe simpatia, no.
- Oh, japonês, que simpatia é essa, me ensina essa tal de simpatia.
- Onde japonês mora, conhece muié bonita né, muié bem bonita.

Japonês compra lata de camarão chega lá e diz:

- Dá beijinho aqui japonês e ela beija, depois dá a lata de camarão para ela beijar, aí japonês vem aqui joga camarão na água e pega peixe até com a mão.

- Ta bão, vô fazê a simpatia, só que não vou procurar essa muié bonita que você falou, porque minha mulher é também muito bonita e dá para fazer com ela a sua simpatia.

Chegando em casa, foi logo ao mercado, comprou uma lata de camarão e falou para sua mulher:

- Dá beijinho aqui meu bem e agora beije a lata de camarão.

E a mulher:

- Ich Tonho, pegou a mania do japonês, ein...

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 30.11.2018	
POSIÇÃO EM 30.09.2018	12.626,08
ENTRADAS	
Contribuições e doações	410,00
Juros	103,35
TOTAL ENTRADAS	513,35
SAÍDAS	
Diagramação Echus 157	756,00
Despesas Correios	33,35
Despesas Bancárias	67,60
TOTAL SAÍDAS	856,95
SALDO ATUAL 30.11.2018	12.282,48
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.10.2018 a 30.11.2018, dos seguintes colegas: José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, Manoel Silvio Puig, Roberto Lui e Vicente de Paulo Moraes. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antônio Jurandyr Amadi, Mons. Antonio Raimundo dos Anjos, Augusto José Chiavegato, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Lázaro Dirceu Mendes de Aguirre, Lourenço Medeiros Fernandes-Perereca, Marcio Pereira da Silva, Pe. Otto Dana, Valdevino Soares de Oliveira e Waldir Neves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antonio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para **ECHUS DO IBATÉ**, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

* E-mail: echusdoibate@gmail.com

* "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

* Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

* Comunidade IBATEANOS no Facebook

* Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

